

ESSE RIO É MINHA RUA- um olhar sobre as práticas de alfabetização e letramento nas escolas ribeirinhas.

Márcia da Silva Carvalho²⁰
Daniela Freitas Brito Montuani²¹

RESUMO: O presente trabalho apresenta resultados de uma pesquisa realizada na Unidade Pedagógica do Jamaci, região insular de Belém/Pa, situada na Ilha de Paquetá em uma turma do ciclo I (1º e 2º anos). O objetivo principal foi identificar as práticas de alfabetização e letramento nesta comunidade ribeirinha atravessada pelo contexto amazônico, tomando-se como natureza investigativa a perspectiva etnográfica, buscando uma interface entre o letramento social e letramento escolar. Destaca-se como um dos resultados desta pesquisa a necessidade de um currículo adequado ao contexto amazônico.

Palavras-chaves: Letramento, saberes locais, aprendizagem, diversidade amazônica.

ABSTRACT: The present paper displays the results of a research performed at Unidade Pedagógica do Jamaci, insular region of Belém/PA located on Paquetá Island in a class of cycle I (1st and 2nd years). The main objective was to identify the practices of teaching and literacy within the riverside community tangled by the Amazonian context, using the investigative nature of the ethnographical perspective, searching for a interface between social literacy and scholar literacy. One of the results of this research that should be highlighted is the need for a proper curriculum that fits the Amazonian context.

Key Words: Literacy, local knowledge, learning, Amazonian diversity

INTRODUÇÃO- “Esse rio é minha rua, minha e tua”.



Ilha de Paquetá.
Fonte: foto da autora/2015.

A Amazônia se configura como cenário de grande biodiversidade e nos remete a um imaginário de amplitude, exuberância, imensidão. É esta imagem que se transfigura em realidade quando são percorridos os seus rios, igarapés, lagos e furos tal é sua extensão e riqueza, até mesmo para quem é nascido nessa região, a Amazônia ainda tem muito de desconhecido.

²⁰Pedagoga. Especialista em Práticas de Alfabetização e Letramento pela Pontifca Universidade Católica-PUC/Minas. Mestranda em Educação pela UFPA. marciacarvalho1967@gmail.com.

²¹ Pedagoga. Doutora em Educação pela UFMG- orientadora desta pesquisa. Docente da Universidade Estácio de Sá/MG.

O Estado do Pará está dentro dos nove estados que compõem a Amazônia Legal, que são: Acre, Amapá, Amazonas, Rondônia, Roraima, Tocantins, oeste do Maranhão e o Norte do Mato Grosso. Este conceito de Amazônia Legal²² surge com objetivo de planejar e promover o desenvolvimento desta região, porém até os dias atuais esses estados carecem de eficiência e resultados mais eficazes programas e projetos implantados para este fim, pois os ribeirinhos não só moram nas margens dos rios, mas estão também à margem das mais variadas políticas públicas.

O *locus* desta pesquisa é a Unidade Pedagógica do Jamaci - UP Jamaci, na Ilha de Paquetá, distante do distrito de Icoaraci região metropolitana de Belém cerca de 40', de onde se sai do trapiche²³ deste distrito, situado na região insular do município de Belém, estando a UP inserida na Rede Municipal de Ensino, sendo coordenada pela Fundação Escola Bosque Eidorfe Moreira²⁴.

Dentro da Ilha de Paquetá nos deparamos com o igarapé do Jamaci, um pequeno e estreito curso que o rio faz pra dentro da ilha, com menor profundidade de águas e largura. O Jamaci abriga 23 famílias totalizando cerca de 115 pessoas habitando o igarapé, sendo que 60% destas famílias são oriundas das ilhas mais próximas e com mais estrutura, como é o caso da Ilha de Cotijuba que é a mais estruturada. O período de trabalho de campo na comunidade do Igarapé do Jamaci compreendeu o período de fevereiro a março de 2015.

Atualmente a Unidade Pedagógica do Jamaci atende 50 alunos todos nos turnos matutino e vespertino oriundos do próprio igarapé do Jamaci e das: Ilha longa (cerca de 45' de distância), da ilha de Urubuoca (cerca de 30' de distância), Ilha Arapiranga (cerca de 45' de distância) e Ilha Nova (cerca de 30' de distância). Mesmo morando em ilhas diferentes a realidade ribeirinha os identificam e nesse deslocamento diário das suas ilhas de origem para a Ilha de Paquetá, onde se localiza a UP no igarapé do Jamaci, levam cerca de 2 horas de barco até chegarem a escola e depois voltarem para suas casas.

Apesar de muito próximos do distrito de Icoaraci, cerca de 20 km, os ribeirinhos do Jamaci mantêm seu modo de vida muito identificado com a cultura ribeirinha, que tira o seu sustento com a exploração dos recursos naturais, que se alimentam também destes recursos, que utiliza a medicina natural e só se reporta para a ilha mais estruturada ou para Icoaraci nos casos de maior necessidade: doença, compra de combustível e de alimentos mais industrializados.

²² Criado a partir da lei nº 1.806 de 06 de 11 de 1953, revisto e ampliado até a Constituição de 1988 com a criação de novos estados.

²³ Pequenos ancoradouros onde os barcos atracam

²⁴ Cabe ressaltar que a UP do Jamaci e mais 3UPs na região insular norte estão sob a coordenação da Fundação Escola Bosque e as demais em número de 10 são coordenadas pela SEMEC/DIED.

A educação ribeirinha requer um olhar peculiar, diferenciado, que precisa estar atento às redes de sociabilidades criadas entre os moradores das margens dos rios, particularidades insulares que demandam uma atuação dos profissionais com conhecimento desta realidade, um currículo e calendário escolar adequado ao contexto econômico e sócio-cultural, considerando singularmente os fatores climáticos das ilhas, no sentido de não se colocar a perder o que emana de diferencial da realidade dos povos das águas que precisa ser considerado para o processo de ensino e aprendizagem.

Frequentar uma escola para os ribeirinhos sempre foi uma realidade de muitas barreiras e dificuldades. Até pouco tempo o conhecimento era para poucos, o acesso ao saber e o letramento configurava-se como características das famílias ricas. As famílias ribeirinhas por desenvolverem uma atividade profissional baseada no extrativismo vegetal (colheita do açaí e palmito) e extrativismo animal (pesca de camarão e peixes) não viam necessidade de ir para a escola, pois o seu trabalho não lhe exigia uma educação formal, era necessário somente o conhecimento da natureza ao seu redor, como relata, o senhor Ronaldo, morador do Igarapé do Jamaci:

Desde pequeno nunca achei necessidade de estudo, já que o que eu fazia num carecia muito conhecimento. A gente mal sabia escrever o nome e já estava bom. Os pais da gente só mandavam nós pra escola pra saber escrever o nome, depois num carecia mais, voltava pro açai. Agora não, eu mando os meus meninos pra escola desde cedo.

Como dizem os poetas paraenses Paulo e Rui Barata “este rio é minha rua, minha e tua”. É pelo rio que se dá toda a movimentação dos ribeirinhos, é através dele que se dá as idas e vindas, familiares, estudantis, profissionais, é o asfalto rural, ribeirinho. A importância do rio na vida dos ribeirinhos é um primeiro aprendizado que os educadores que estão atuando nas UPs ribeirinhas precisam se apropriar segundo Pojo e Vilhena (2011):

Esta questão ratifica a necessidade ímpar e permanente que os educadores aprofundem e compreendam as implicações ribeirinhas no contexto das práticas educativas o que significa zelar pela travessia entre o ir e o vir de professores, estudantes e barqueiros; entender o movimento cotidiano das comunidades, lidar com o movimento do rio e das marés. Tudo isso são condições que historicizam modos circundantes e envolventes para as práticas educativas escolares, configurando molduras curriculares nas UPs das ilhas belemenses. (p.07).

Considerando o objetivo desta pesquisa que é investigar as práticas de letramento desenvolvidas na Unidade Pedagógica do Jamaci com alunos do 1º ciclo de 6 e 7 anos, se faz necessário conceituar *práticas de letramento* trazendo também o conceito de *eventos de letramento* já que esses conceitos, embora estejam intrinsicamente ligados, tem suas peculiaridades no sentido de que os *eventos de letramento* são as situações que

observamos no dia-a-dia e tem como componente atividades de leitura e escrita, em se tratando do contexto escolar poderíamos citar diversas atividades, tais como: contação de história, reconto, trabalho com gêneros textuais, desenvolvidas de forma individualizada e as *práticas de letramento* são os significados dados pelos alunos aos eventos desenvolvidos, podendo estar em diferentes contextos de sociabilidade: família, comunidade, entre outros. Neste sentido Street e Castanheira e Brian (2014, p.14) afirmam que:

A proposição desses dois conceitos assenta-se na compreensão da natureza social do letramento, que teve origem e desenvolvimento em um conjunto de pesquisas denominado *Novos Estudos do Letramento (New LiteracyStudies)*. *Práticas e Eventos de letramento* são modelos analíticos utilizados por pesquisadores que buscam compreender os usos e os significados da escrita e da leitura para diferentes grupos sociais e as consequências educacionais, políticas e sociais de tais usos e significados para os indivíduos e para os grupos a que pertencem.

A opção quanto a esta investigação científica se deu na perspectiva etnográfica por conta da peculiaridade das escolas ribeirinhas, mas especificamente a Unidade Pedagógica do Jamaci e o dia-a-dia dos professores, alunos, barqueiros e comunidade do entorno. Este método investigativo parte das interpretações e descrições dos significados e práticas sociais do próprio informante vivenciando seu cotidiano através de uma observação participante buscando o saber gerado a partir do ponto de vista do outro e não com referências e idealizações urbanas fora do contexto dos ribeirinhos. Como salienta Garcia (2011 p.22) “livres da armadilha da *verdade objetiva e real*, eis-nos entregues a *dúvidas e incertezas*, que, afinal, são uma boa razão para pesquisarmos, pois, como já disse quem tem certezas não tem motivos para pesquisar”.

O período de pesquisa de campo ocorreu de fevereiro a março de 2015 e o processo nessa perspectiva etnográfica foi se configurando aos moldes de suas características investigativas, como diz Castanheira (2010) “a partir do ponto de vista dos seus participantes e para a produção de um relato situado daquilo que foi considerado aprendizagem naquele contexto”, deparando-me com atores sociais que não imaginava ser relevante (e o foram) para todo o entendimento do processo educativo da UP Jamaci. Neste sentido o dia-a-dia do trabalho de campo vai mostrando de que forma atuar, numa autoavaliação constante, é o que nos demonstra André (1995, p.30):

[...] a pesquisa etnográfica busca a formulação de hipótese, conceitos, abstrações, teorias e não sua testagem. Para isso faz uso de um plano de trabalho aberto e flexível em que os focos da investigação vão sendo constantemente revistos, as técnicas de coletas, reavaliadas, os instrumentos reformulados [...] o que esse tipo de pesquisa visa é a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade.

Se faz relevante investigar e dar visibilidade das UPs ribeirinhas, trazer o cotidiano, identidades, peculiaridades, saberes e aprendizagens de crianças, professoras e comunidade deste contexto singular das Ilhas, das águas, além de entender como se dá as práticas de letramento neste ambiente com características sócio-cultural tão única. Tirar da invisibilidade o povo que habita e faz história na Amazônia.

Os caminhos da pesquisa

Aprender com a cultura ribeirinha foi à primeira intencionalidade dessa pesquisa, pois desde minha infância na Ilha do Marajó me deparava com esta realidade, porém somente em períodos de férias escolares em viagens da família para visitas aos familiares de minha mãe, mas que me acompanham na memória até hoje.

Foram ricos momentos de aprendizagem com a parte do dia aprendendo a nadar nos rios e igarapés, andar a cavalo, remar nos barquinhos (coisa que nunca aprendi) e apanhar fruta no pé das árvores das mais variadas frutas regionais. De noite eram as histórias de *Vovó Béia* (até hoje, após tantos anos do seu falecimento, não sei seu nome verdadeiro e – detalhe - ela não tinha nenhum parentesco conosco, mas todos a chamavam assim), que chegava por volta das 17h, quando já estávamos exaustos das brincadeiras matutinas e sentados no chão, colocados literalmente a seus pés. Histórias contadas por ela que ora eram de visagem, ora de lendas amazônicas, ora pura ficção de sua cabeça, mas nos deixavam completamente envolvidos até o sono chegar.

Dar visibilidade e divulgar essa cultura ribeirinha com suas peculiaridades veio a reboque da primeira intenção. No processo de definição de qual método de pesquisa optaria em usar, deparei-me com a perspectiva etnográfica que como refere Fonseca (1998) trás a “interação do pesquisador com seus objetos de estudo” tendo esta perspectiva metodológica a preocupação em descrever e analisar as interpretações dos significados de uma determinada comunidade a partir do discurso de seus participantes trazendo sua realidade, seus saberes, suas falas, bem calcada na antropologia.

E outro fator que influenciou a minha escolha foi a relação que adquiri na minha infância com as águas do Marajó, pois não me achava conhecedora dessa realidade de seus costumes e saberes e isso me deixava sentimentos de dúvidas, incertezas e inseguranças, encontrando em Garcia (2011, p.20) um amparo para elas:

[...] Pesquisadores e pesquisadoras que íamos, e muitos continuam a ir, a campos tão cheios e cheios de certezas, que me parecem, hoje, inimigos da pesquisa séria, pois quem tem certezas não tem boas razões para fazer pesquisa. Hoje sabemos que a dúvida, a incerteza, a insegurança, a consciência de nosso *ainda nada saber* é que

nos convida a investigar e, investigando, podermos aprender algo que antes não sabíamos.

Vivenciar o cotidiano da UP me inserindo não só no dia a dia da escola, mas na comunidade, examinando a cultura local para além da escola, como desenvolvem, entendem e definem as práticas de Letramento em torno desse igarapé foi a primeira postura como pesquisadora que tomei a partir da observação participante.

Ainda quando trilhava maresias para chegar às ilhas busquei a Secretaria Municipal de Educação para solicitar autorização quanto à realização da pesquisa. Fui orientada acerca dos procedimentos administrativos os quais levariam muito tempo para permitir meu acesso às escolas ribeirinhas de sua responsabilidade. Foi quando tomei conhecimento da distribuição de responsabilidades das ilhas e fiquei sabendo que a Fundação Escola Bosque era a que coordenava a ilha de Paquetá. Fui em busca dessa autorização na Fundação, que não só desburocratizou todos os acessos, como me autorizou o deslocamento diário para ilha no barco que conduz os professores e alunos.

Trago enraizado nas memórias infantis a realidade amazônica, burlando assim a neutralidade. Desta forma implico-me com o cotidiano de situação de invisibilidade em que vivem os ribeirinhos e a não só por um sentimento de pertença remetido da infância, mas por uma visão ética e coletiva de igualdades de condições e acesso a políticas públicas. Lourau (2004) trazendo o conceito de implicação atravessa essa minha condição de observadora implicada com seu objeto de análise transformando e sendo transformada por ele, pois quem não se alteraria com ecossistema amazônico.

Nesta pesquisa utilizei a observação participante, o roteiro de entrevista como instrumento coletor de informação tem lugar neste processo de investigação trazendo a participação e contribuição da professora, das coordenadoras: pedagógica e administrativa das ilhas, os barqueiros que trazem os alunos e professoras e da comunidade mais antiga do Igarapé do Jamaci para entendermos todo processo de ocupação desta comunidade e suas referências territoriais.

A identificação da realidade vivida pelos alunos ribeirinhos com as especificidades desse processo de construção de conhecimento e desenvolvimento de práticas e ações de letramento se torna campo vasto para a perspectiva etnográfica quando se reporta para a escuta do ponto de vista e contexto social do outro trazendo tantas outras questões não só da área educacional, mas de estar à margem não só dos rios, porém de políticas públicas.

O acesso às políticas públicas reflete de forma negativa na população ribeirinha que sofre com a exclusão social, tendo que se deslocar ou para as cidades “grandes” ou para ilhas mais estruturadas e que mesmo assim tem muita demanda pra pouca oferta nas áreas sociais, educativas, de saúde, saneamento, entre outras.

A realidade de baixa escolaridade desta comunidade não tira deles a imensa cultura local desenvolvida que vai desde a extração do açaí e palmito, até a pesca do camarão e de peixe. É deste conhecimento que se sustentam. Esta forma de ir resolvendo seus problemas de falta de acesso e exclusão dialoga com Tfouni (2010, p.27) quando diz que “os não alfabetizados têm capacidade para descentrar seu raciocínio e resolver conflitos e contradições”, pois o fato de não serem alfabetizados não tira deles o conhecimento de sua cultura local dando-lhes o que traz Tfouni (2010, p.12) o letramento “se desliga de verificar o individual e centraliza-se no social” valorizando seus saberes.

No processo de trabalho de campo me deparei com a necessidade de readequar os instrumentos de coleta de dados por verificar peças-chaves para o desenvolvimento da pesquisa, que no momento da elaboração dos instrumentos, não eram (re)conhecidos, opto aqui por diante em elencar três tópicos de análise onde essas peças-chaves interagem com as vivências e práticas de letramento se tornando muito significativas: o trajeto de barco, a hora da alimentação e as interações em sala de aula.

Práticas de letramento: do percurso das marés a sala de aula



Trapiche de Icoaraci

Fonte: Fotos da autora/2015

A saída do trapiche de Icoaraci se dá a partir das 7h da manhã pegando as professoras, porém os barqueiros já estão circundando as quatro ilhas para apanhar os alunos desde às 6h, estes já aguardam nas pontes de suas casas, ou quando moram em furos, mais pra dentro das ilhas, vem de barquinho a remo esperar na entrada da ilha onde o barco da escola os apanha.

Foi nesse trajeto de ida e vinda para a UP Jamaci que tomo consciência de uma peça-chave para o transcorrer do dia-a-dia das aulas, o barqueiro. Eles fazem o traslado dos professores, dos alunos, da merendeira, transportam os pais em dia de reunião e todo material didático e alimentício para a UP Jamaci.

Este percurso necessita de um conhecimento geográfico das águas que somente um barqueiro, experiente e da região, é capaz de acompanhar e a interação com a UP Jamaci.

Seu Miguel um dos três barqueiros que fazem esse percurso relatou um pouco de fenômeno:

Começo a recolher aluno desde às 6h da manhã na Ilha Longa e venho até a escola, tem aluno que fica na ponte me esperando desde às 5h da manhã, porque a casa é mais lá pra dentro. Quando a maré tá boa a gente chega por volta das 8h na escola, quando não chega quase às 9h. É puxado pra eles.

As marés mudam de quinze em quinze dias e, segundo seu Miguel, durante a maré grande acontece o fenômeno da *Maré Lançante* que escoo seca muito e a entrada do Igarapé do Jamaci não suporta a entrada dos barcos. Isso acontece durante três dias dessa maré, o que significa que nesses dias durante o mês não tem aula. Seu Miguel nos explica:

A lançante (maré) escoo, escoo muito e somente barco pequeno é que entra no igarapé, fica arriscado por causa dos troncos de árvore, das raízes que ficam pra fora e trazer menino em barco pequeno de remo da mais canseira. Daí a gente quando vê que já vem dá essa maré a gente já avisa as professoras que não vai da pra entrar, né? Daí elas avisam os aluno que não vai ter aula.



Maré lançante/Igarapé Jamaci/Beém-Pa
Fonte: fotos da autora/2015

Esse conhecimento dos rios interfere no cotidiano da cultura local e da escola. Conhecimento de mundo que fica invisível, ignorado pela escola quando não os aborda trazendo-o para seu currículo. Este parece ser um conhecimento rico e oportuno para que os alunos tecessem discussões e fizessem análises de sua realidade tão peculiar trazida pelas águas.

No primeiro dia de trabalho de campo na UP Jamaci, observei uma reunião com os pais onde a coordenação pedagógica fazia essa justificativa aos pais, de que em alguns dias não havia acontecido aula, não pela falta dos professores, mas pelo movimento das marés, caso que ela por estar recém-chegada a essa realidade não conhecia.

O retorno dos pais de compreensão, pois eles eram conhecedores ativos desse fenômeno da natureza local, coloca a oralidade e o conhecimento de mundo amparando e sustentando as relações nesta comunidade, isto deveria dialogar com os conteúdos escolares como reafirma Freire (1996, p. 30) “Porque não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles tem como indivíduo?”

Na saída de Icoaraci até a UP Jamaci, o barco que transporta os professores também apanha quatro alunos ribeirinhos (da ilha Nova) que estão no percurso deste barco, nesta oportunidade foi possível observar que estes alunos já tem uma afinidade muito grande entre si, devido estarem sempre fazendo juntos este trajeto e neste ínterim trocam informações sobre suas rotinas de casa e brincadeiras, tipo: cerececê/ descobrir em qual mão tá o palito(adivinhar quantos palitos tem na mão do colega)

Um detalhe interessante observado é o de que os alunos não costumam ler nem escrever neste percurso devido a trepidação do barco e com receio de molharem os cadernos o que é uma prática orientada pelos pais de não tirarem das mochilas ou bolsas seus cadernos ou livros no barco pela possibilidade de perdê-los nas águas.

Para o fortalecimento dos alunos uma alimentação reforçada.

No processo de interlocução com os atores sociais envolvidos no dia-a-dia da UP Jamaci, outra engrenagem-chave se apresenta diante de uma realidade muito peculiar a esta UP, a alimentação dos alunos. A responsável pela merenda dos alunos dona Suzete que há 18 anos está nesta função, desde que a escola foi fundada relata:

Os meninos (alunos) vêm saindo de suas casas desde 5:30min, bem cedinho, não tomam café. Os que moram na ilha longa chegam a ficar mais de duas horas no barco. Os meninos da tarde também saem às 10:30 mim pra chegar aqui às 13h e só voltam lá pelas boca da noite. Eles precisam comer bem senão ficam fracos desse vai e vem no barco todo o dia.

Nas escolas urbanas a merenda escolar é servida em um único horário de manhã e a tarde, porém na UP Jamaci a realidade foi mostrando que deveria ser reforçada a merenda escolar pelo longo trajeto dos alunos no barco. Dona Suzete nos explica que é dado na chegada da manhã um café com pão e, às 10:30min, uma refeição. Já os alunos da tarde almoçam na chegada e tomam um lanche às 16:30h, próximo da sua saída.

Esta refeição foi sendo alterada ao longo dos anos, pois no início da UP vinham muito enlatados e agora a alimentação está mais natural e saudável, como explica dona Suzete:

Eu faço treinamento na FMAE²⁵ de seis em seis meses e vinha falando sempre que nossos meninos precisavam comer mais, então eles me ouviram finalmente e começaram a mandar as comidas mais regionais. Agora vem açaí, charque, frango e peixe. Eles não têm habito de comer legumes gostam mais da comida assada com açaí.

²⁵ Fundação da Merenda Escolar de Belém- responsável pela distribuição da merenda e treinamento das merendeiras.

O que é valorizado pela merendeira são os hábitos dos alunos e a sua educação alimentar local, mas ela reforça em seus relatos que também coloca no cardápio os legumes em outras comidas “bem picadinhos pra eles não sentirem muito o gosto porque é importante pra eles.”

Percebendo o quanto os alunos interagem nesse momento de refeição foi pontual e imperativo observar o interesse destes pelo que está escrito neste espaço: anúncios para os barqueiros de quantidade de combustível por barco, aviso da reunião de pais, cardápio do dia e muitas ilustrações de personagens infantis, jogos de integração. Este momento se torna um evento de letramento na medida em que os alunos entre si vão descobrindo o que está escrito no mural e quando o cardápio é lido pela professora para os alunos semanalmente estes vão conferindo diariamente se a refeição é a que esta indicando no cardápio, muitas vezes um lendo pra outro colega. É o que nos traz Mortatti (2004, p.105) sobre os vários tipos de letramento, pois “nessa dimensão social, são também plurais os eventos de letramento e as práticas de letramento, duas faces de uma mesma realidade.”

Interações em sala de aula: a alfabetização e o letramento

O espaço da UP é muito estimulante para os alunos, em virtude da falta de oportunidade de deslocamento para outros lugares, tais como: praças, cinema, entre outros, a escola possibilita-os oportunidades variadas de interação. Isso fica evidente na chegada a UP e em sala de aula com a dimensão de pertencimento daquele lugar.

Uma das atividades de leitura e escrita observadas na turma de 1º ano da UP Jamaci foi de contação de história, no caso a de *JOÃO E MARIA*. A professora já tinha contado a história em outro momento e neste momento estava explorando palavras do texto com uma atividade chamada *texto lacunado* onde em uma folha impressa as crianças completavam frases com palavras do texto que estava destacada na parte esquerda da folha numa caixa de palavras, logo em seguida reescreviam estas frases nos seus cadernos.

Relembrando passagem do texto, com o que Solé (1998, p. 35) assinala como “compreensão leitora” a professora vai formulando perguntas e relembrando passagens do livro, com perguntas de localização de informação, tais como: João e Maria se perderam na... Floresta (respondem os alunos) identificando assim o que aprenderam (ou memorizaram). Essa representação que as crianças trazem da história dialoga com que reflete Solé (1998, p.45):

Aprendizado equivale a formar uma representação, um modelo próprio daquilo que se apresenta como objeto de aprendizagem; também implica em poder atribuir significado ao conteúdo em questão, em um processo que leva a uma construção

pessoal de algo que existe objetivamente. Esse processo remete à possibilidade de relacionar de uma forma não arbitrária e substantiva o que se sabe e o que se pretende aprender.

Segundo relato da professora as crianças utilizam a biblioteca da escola uma vez por semana e conforme o planejamento semanal as atividades são dirigidas para algum gênero textual ou para leitura deleite no “Baú dos sonhos”, que é um baú com livros de diversos gêneros. Cabe ressaltar que o termo “leitura deleite” foi instaurado pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC, referindo-se a leituras feitas por prazer na escola, sendo interessante observar que a professora já incorporou esta expressão em seu discurso pedagógico.



Biblioteca
Fonte: foto da autora/2015



Baú dos sonhos
Fonte: foto da autora/2015

Observar o dia-a-dia da sala de aula me fez identificar os meandros dessa aprendizagem em movimento que como as marés, vão mudando e apresentando contextos diversos. Trago o comentário ouvido de dois alunos de 6 anos que entre eles imaginavam como iriam identificando o caminho caso se perdessem, tal como na história de João e Maria: “E se fosse a gente? A conclusão foi tão fantástica quanto a exploração deles do conto: “A gente marcava as árvores, aqui, os pedaços de pão iam embora no rio.” As próprias crianças através da oralidade foram fazendo interações e construindo significados, os quais escreviam e liam.

Essa abordagem dos alunos dialoga com que traz Soares (2010, p.24) sobre letramento:

Da mesma forma, a criança que ainda não se alfabetizou, mas que folheia livros finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebeu seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já entrou no mundo do letramento, já é de certa forma, letrada.

Soares (2010) afirma ainda quanto ao fato de o indivíduo ir sendo transformado pelo uso da leitura e da escrita indo pra outra condição de compreensão, raciocínio e no caso do exemplo dos alunos acima, num grau de contextualização da sua realidade amazônica

que mesmo não sendo explorado pela professora foi sendo problematizado e analisado pelos alunos.

Além das questões que envolvem o letramento, percebe-se que o processo para a aquisição da escrita da turma se faz de acordo com a visão de Ferreiro ao ver a escrita (2001, p.14) “como um código de transcrição gráfica das unidades sonoras”, onde essa transcrição vai se dando de forma automática sem a exploração das hipóteses pelas crianças, tendo somente através da indagação e solução prévia da professora a resolução da escrita antecipada da criança: “Prestem atenção na palavra que vem aí” tem o som “i”, mas se escreve com “e”, Bule. Essa predeterminação segundo Ferreiro (2001) é uma característica da codificação tanto dos elementos quanto da relação que os alunos poderiam fazer.

Na observação da professora esta afirma que o gênero conto é um gênero mais adequado para trabalhar a alfabetização e leitura, acreditando ser mais fácil explorar questões de compreensão a partir das narrativas desse gênero. Percebo nesta afirmativa talvez uma dificuldade ou desconhecimento de formas de trabalhar com outros gêneros que foram inseridos mais recentemente dentro da discussão de letramento.

A consolidação do gênero conto há mais tempo pela escola traz um desnível entre a frequência de utilização deste gênero aos demais, porém em se tratando de letramento, ou seja, práticas sociais de leitura e escrita ressalta-se que precisam ser acessados, refletidos e discutidos pelos alunos os demais gêneros textuais, que também circulam fora da escola. Trago para esta reflexão o conceito de Castanheira e Brian (2014) sobre Letramento escolar que corrobora com esta discussão:

Ler e escrever na escola são processo que se diferenciam de ler e escrever fora da escola, pois *o quê, como, quando, para que* se lê ou se escreve na escola são aspectos definidos a partir das especificidades dessa instituição, que visa em última instância, ao ensino e à aprendizagem. A expressão *Letramento escolar*, portanto aponta para diferenças entre práticas de leitura e escrita desenvolvidas dentro e fora da escola.

Na UP Jamaci são utilizados como recurso didático para alfabetização e letramento o alfabeto fixo, decorado e afixado no quadro branco, o alfabeto móvel, silabários, e além dos contos que já foram explorados outros gêneros textuais, tais como: fábulas, histórias em quadrinhos, como nos relatou a professora. Para os alunos que já conseguem ler, ela disponibiliza os livros escolhidos por eles na biblioteca nos finais de semana e solicita que socializem a leitura com ela no retorno as aulas, assim como os que não lêem costumam levar livros ilustrativos fazendo também a sua socialização.

A inserção das crianças no mundo da escrita se torna um grande desafio para os professores dos anos iniciais, particularmente no contexto amazônico, mais especificamente da UP Jamaci, onde a grande maioria da comunidade não tem acesso à leitura e escrita. Os adultos transferem essa mediação para a escola, não só a tarefa de alfabetizar, mas de estimular as crianças a práticas e gosto pela leitura e escrita. O que pode ser percebido por meio da fala de dona Aldaiza, de 29 anos, mãe de dois alunos da escola, um de 4 anos e outro de 6 anos, que em uma reunião de pais comentou: *“aqui (na UP) tem biblioteca tomara que elas (professoras) botem os meninos pra ler bem, pois em casa não tenho tempo, e as vista já num dão, mal dá pra ler a bíblia”*

A Secretaria Municipal de Educação, através do Centro de Formação, aderiu ao Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC, e desenvolve com os professores formações mensais. A professora da turma acompanhada é concursada há dois anos e nos reitera que a formação dos professores acontece mensalmente, porém o conteúdo de alfabetização e letramento somente se deu no ano anterior a sua inserção na rede municipal e neste ano foi priorizado somente linguagem e matemática. No final de cada mês o Centro de Formação e os professores aplicam uma avaliação para os alunos no intuito de identificar seus avanços.

No entanto esta formação mensal não contempla uma diferenciação do currículo para as escolas ribeirinhas, essa adaptação é feita pelas próprias professoras nas UPs e, segundo a professora, são explorados de maneira limitada e pontual quando realizam um projeto de reciclagem de garrafas Pet, isso acontece todo ano e culmina com uma exposição, além da exploração de datas comemorativas, mais especificamente o dia da Árvore, do Índio, do Folclore que permitem trazer a realidade amazônica para a sala de aula.

Para além da sala de aula, podemos verificar práticas de letramento que se relacionam a eventos religiosos. No entorno da escola a comunidade procura se agrupar em eventos religiosos, onde a leitura da bíblia é a predominante. Mesmo sendo uma comunidade com poucas famílias observa-se um número diversificado de correntes religiosas (católicos e evangélicos) que desenvolvem suas crenças através de encontros nas residências com as novenas de santos católicos e as células dos evangélicos, ocasião em que os salmos são lidos e as pregações bíblicas são feitas.

Não para concluir e sim seguir o ciclo das águas

Reconstruir o rastro do que foi a experiência empírica de minha infância, dentro de uma realidade tão peculiar quanto a dos rios amazônicos, com sua vasta riqueza de

saberes socialmente construídos reafirma o que Vygotsky (1994), em sua teoria Histórico-cultural, preconizava de que a aprendizagem é mediada pela cultura que o ambiente sociocultural traz elementos fundantes e estruturantes do que somos.

Os cidadãos que margeiam os rios amazônicos com sua cultura e mediados por ela nos ensinam que as águas têm o seu tempo e nós precisamos conhecê-la e considerá-la seguindo o fluxo das marés quando formos adentrar na UP Jamaci e demais UPs ribeirinhas. Por isso há necessidade de um currículo que seja afinado com as águas, como alerta Freire (1996, p.30):

[...] Pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária [...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Porque não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir por exemplo, a poluição dos riachos...

Essa pesquisa em sua perspectiva etnográfica deparou-se com uma comunidade em variados níveis de letramento trazendo seu enfoque social, coletivo e não individual, como nos apresenta Soares (2010, p.72) “Aqueles que priorizam no fenômeno letramento a sua dimensão social, argumentam que ele não é um atributo unicamente ou essencialmente pessoal, mas é, sobretudo, uma prática social”

A pesquisa ocorreu a partir dos seus eventos e práticas de letramento visto no processo de trabalho de campo, desde o conhecimento das águas necessário para o deslocamento dos professores e alunos, a necessidade da adaptação alimentar, até as interações em sala de aula dos alunos e como interagem com sua realidade amazônica, na medida em que as habilidades estão sendo desenvolvidas no processo de ensino e aprendizagem e vão ao fluxo das águas adequando-os as suas exigências sociais.

Cada relato de pais, comunidade, merendeira, barqueiro, alunos interagindo entre si e trazendo para sua realidade os eventos e práticas de letramento desenvolvidas dentro e fora da escola reacende a necessidade da visibilidade da cultura ribeirinha nos encontros e discussões de um currículo de alfabetização e letramento vivo e atento à diversidade não somente daquele contexto, mas que a todo contexto amazônico.

É a alegria que ressalta nos rostos dos alunos que, mesmo com dificuldades de acesso e deslocamento, sempre chegavam à escola com brilho no olhar, que faz entender que grandes são os desafios para se alfabetizar e letrar em uma comunidade na qual a realidade cultural é bastante diferenciada da realidade urbana, mas sabemos que não há como negar a esses alunos e comunidade esses saberes e oportunidades de inserção em práticas de alfabetização e letramento. Há de se considerar sempre o ir e vir das águas do

rio, ou seja, uma via de mão dupla, que busca um equilíbrio entre a valorização de saberes locais, e a inserção de novas práticas que podem possibilitar àqueles alunos e comunidade seguirem o curso das águas que desejarem.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Elisa Dalmaso Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 1995.
- BARATA, Rui; BARATA, Paulo André. Fafá de Belém. **Esse rio é minha rua**. Polydor. 1976.
- BRIAN, V, CASTANHEIRA, Maria Lúcia. **Práticas e eventos de Letramento**. In: Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. 1.ed. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2014. p.14.
- CASTANHEIRA, Maria Lúcia. **Aprendizagem contextualizada: discurso e inclusão na sala de aula**. 2 ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2010.
- _____. **Letramento escolar** In: Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. 1.ed. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2014. p. 10.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FONSECA, Cláudia. **Quando cada caso não é um caso**. In: XXI Reunião anual da ANPED. 1998. Minas Gerais, p.19 a 21.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GARCIA, Regina Leite (Org.). **Para quem pesquisamos para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais**. São Paulo: Cortez, 2011.
- LOURAU, René. **Implicações e sobreimplicação**. In: ALTOÉ, S. (Org) René Lourau: Analista institucional em tempo integral. Rio de Janeiro: Hucitec, 2004.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento**. São Paulo: Unesp, 2004.
- POJO, Eliana; VILHENA Maria de Nazaré. **Assessoramento e acompanhamento Pedagógico: ressignificando as práticas educativas nas unidades pedagógicas das ilhas de Belém. I encontro de pesquisas e práticas em educação do campo da Paraíba**. 2011. João Pessoa, p. 7.
- ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6.ed. São Paulo: Artmed, 1998.
- TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- VYGOTSKY, Lev Semenovicth. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.